

POEMAS DE
Alberto
Caeiro

POEMAS DE
Alberto
Caeiro



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Alberto Caeiro

Imagens
ProStockStudio/Shutterstock.com;
Kanate/Shutterstock.com;
HorenkO/Shutterstock.com;
olimvector/Shutterstock.com

Preparação
Fátima Couto

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P475p	Pessoa, Fernando
	Poemas de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa. – Jandira, SP : Principis, 2020. 144 p. : 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)
	Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-119-1
	1. Literatura portuguesa. 2. Poesia. I. Título.
2020-1862	CDD 869.108 CDU 821.134.3-1

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa: Poesia 869.108
2. Literatura portuguesa: Poesia 821.134.3-1

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O guardador de rebanhos.....	9
1.....	11
2.....	15
3.....	17
4.....	18
5.....	21
6.....	25
7.....	26
8.....	27
9.....	34
10.....	35
11.....	36
12.....	37
13.....	38
14.....	39
15.....	40
16.....	41
17.....	42
18.....	43
19.....	44
20.....	45
21.....	46
22.....	47
23.....	48
24.....	49
25.....	50
26.....	51
27.....	52

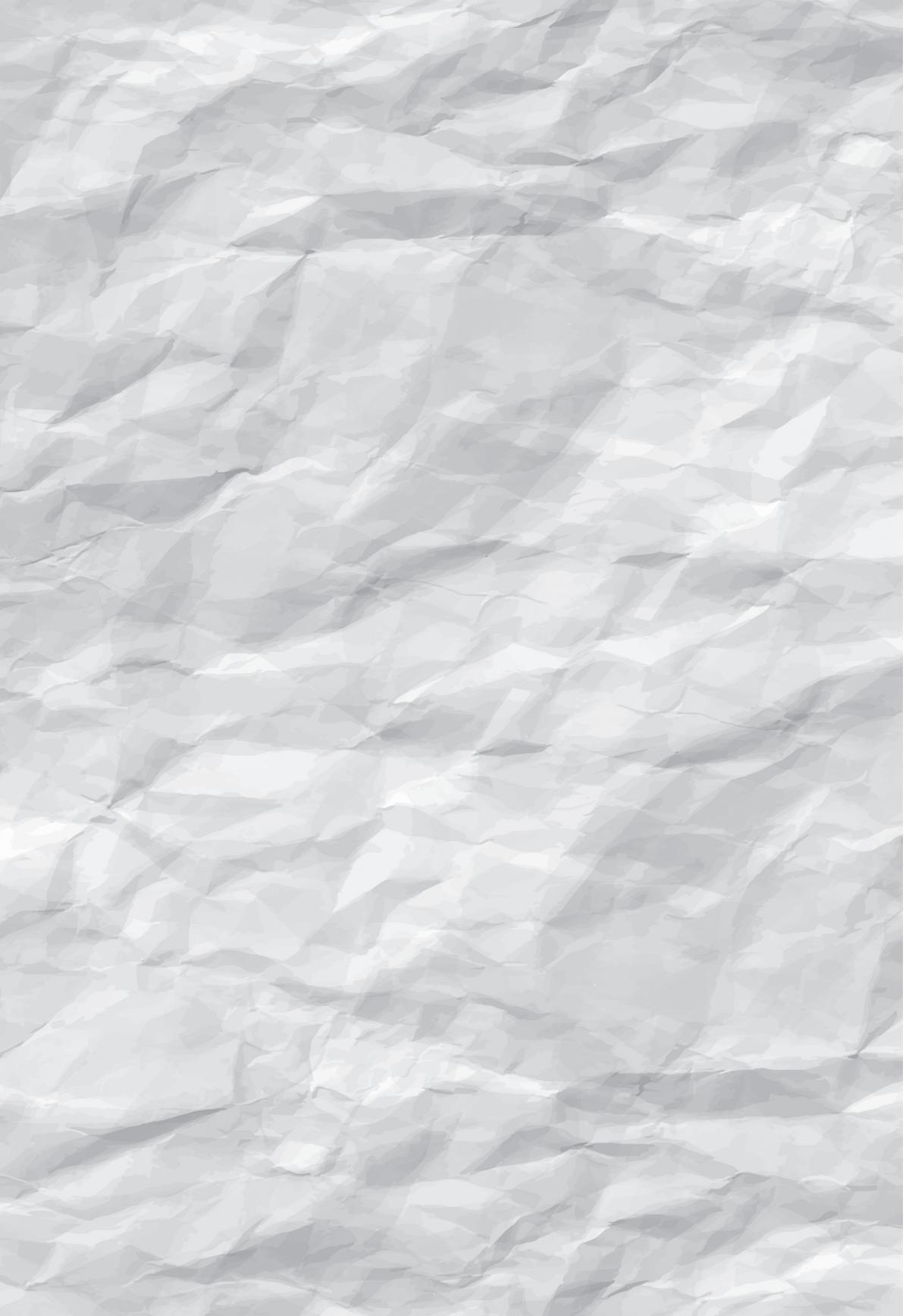
28	53
29	55
30	56
31	57
32	58
33	60
34	61
35	62
36	63
37	64
38	65
39	66
40	67
41	68
42	69
43	70
44	71
45	72
46	73
47	75
48	76
49	78
O pastor amoroso	79
1	81
2	82
3	83
4	84
5	85
6	86
7	87
8	88

Poemas inconjuntos	89
A água chia no púcaro que elevo à boca	91
A criança	92
A espantosa realidade das cousas	93
A guerra	95
A neve.....	96
A noite desce.....	97
Ah! Querem uma luz	98
Assim como	99
Criança desconhecida.....	100
Creio	101
De longe	102
Dizes-me.....	103
Entre o que vejo	105
É noite	106
Estas verdades	107
Estou doente	108
É talvez o último dia da minha vida.....	109
Falas de civilização	110
Gozo os campos.....	111
Hoje de manhã	112
Não basta	113
Navio que partes	114
Noite de S. João	115
Nunca sei	116
O espelho.....	117
Ontem o pregador.....	118
O que ouviu os meus versos	119
O universo	120
Pouco a pouco	121
Pouco me importa.....	122
Primeiro prenúncio	123

Pastor do monte	124
Quando tornar a vir a Primavera.....	125
Quando vier a Primavera.....	126
Quando está frio.....	127
Quando a erva crescer.....	128
Seja o que for.....	129
Se eu morrer novo.....	132
Se depois de eu morrer.....	134
Se o homem fosse.....	135
Também sei fazer conjecturas	136
Todas as opiniões	137
Tu, místico	138
Um dia de chuva	139
Última estrela.....	140
Uma gargalhada.....	141
Verdade, mentira.....	142
Vive.....	143

O GUARDADOR DE REBANHOS





1

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
 Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
 A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
 E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa.
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.
Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me veem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer cousa natural –
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

2

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...